

A flor amarela

Tradução de Melissa Piccinini Dullius

Line queria arranjar varinhas de bétula para usar na limpeza do quarto. Fui até o lago cortar algumas, eu sabia onde ficavam as mudas novas.

Então avistei entre os juncos uma grande flor amarela e quis apanhá-la. Tirei os sapatos e as meias e entrei na água. Quando cheguei perto, não foi uma flor que eu encontrei, e sim uma menininha bem pequena com um vestido amarelo. Ela tinha na mão uma agulha de crochê e tecia redes usando tiras fininhas de junco. Quando ela atirava as redes no lago, elas brilhavam como ouro sob a luz do sol.

– O que você está fazendo aí?, perguntei. A menininha se virou para mim com seus olhos claros e disse: – Não está vendo as ondinhas? Elas querem brincar, é para elas que eu faço as redes. Olha como elas saltam! – E então atirou mais uma rede na água.

As crianças d'água brincavam com as redes à luz do sol, jogando-as de um lado para o outro. Como era lindo vê-las flutuarem, cintilantes. A água parecia estar toda viva.

Então a menininha segurou sua agulha com as duas mãos acima a cabeça e foi embora correndo sobre a rede dourada. As criancinhas da água riam e estendiam os bracinhos para chamar de volta a menina amarela. Mas ela era muito rápida e – zuummm –, sumiu, não a vi mais.

Quando me virei, a flor amarela estava novamente entre os juncos e eu tive vontade de arrancá-la. Mas ela estava lá, parada, parecia estar sonhando. Fiquei com pena e resolvi deixá-la ali. Então fui cortar varinhas de bétula.

Em casa, Line me perguntou: – O Duende das Bétulas não ficou brabo quando você cortou o cabelo das filhas dele? – Mas eu não tinha visto nenhum duende das bétulas.